

# GUIGNOL



"L'écrivain public" - Dominique e Christophe Recoura

*Cena I – Um guignol entra pela esquerda do palco, ao fundo. Aproxima-se da boca de cena. Movimenta-se quebradiço, enquanto busca pelo ar algo que ainda não distingue.*

## *Solilóquio de um Guignol*

*Queria encontrar uma boa palavra. Para ser boa, a palavra teria de significar claramente aquilo que reveste, aquilo que por trás dela busca viver. No entanto parece ser que as coisas, à luz de*

uma subjetiva realidade, padecem de “obscuridão”. Resulta que a boa palavra deixa de ser clara para ultrapassar o tecido rígido de tinta que lhe dá forma e escorrer por cima das letras que a compõem. A palavra viva não se contenta em ser, por exemplo, apenas uma mala; ou pode sê-la, desde que pelas frestas do trinco, do zíper, da fivela, escape um halo de tal forma incompreensível que da mala se pudesse dizer: “Olhe, lá vai um homem...” Se tudo o que disséssemos fosse compreendido só uma certeza haveria: a morte da palavra! E se a palavra estivesse morta, como aquilo que na cruz padece – eu sou a palavra e a vida –, o mundo estaria órfão. Vê que sorte para o homem não compreender o que um outro escreve?

*Um homem só existe na palavra. Ele parece não ter nada por dentro. Um homem não tem órgãos, não tem coração porque tem a palavra coração. Ele não tem sentimento porque na vertiginosa euforia das emoções criou a palavra Ira! E seu ser convulsiona porque tem a palavra comovida. Não tem pensamento porque foram tomadas por razoáveis palavras que solidificam valores sem o conteúdo da ação. Um homem não tem ações porque as palavras aceleram seus sentidos imaginários do cinema. Ele vai ao cinema, às galerias e ao teatro para perpetuar a palavra do que é ausente. Um homem não existe mais depois que criou a palavra. É um guignol. Aquilo que o distingue dos outros animais o aniquila. Um homem não tem honra porque criou a palavra honra. Nem virtude porque criou a palavra virtuosismo e tudo então é performance. Ele deverá ser mudo para encontrar a palavra que o inspire à ação. Só a ação tem honra e virtude. Só a ação pode produzir palavras que não caiam no quietismo por se haver compreendido em que céus os deuses respiram. É um homem não tem o ar necessário para produzir sequer uma palavra... tudo imita, tudo rasteja feito cão faminto... antes não dissesse Deus para que o não matasse, não dissesse amor, mas estendesse o braço e com seu corpo inteiro realizasse o gesto (*O guignol retira do bolso um pequeno osso e o consagra*): “Come comigo o pão que trago e não me alimente eu de tua fome...”. Pois que graça pode ter um corpo que se alimenta da morte?*

*Raphael Guignol*

## NOTAS

- 1 "A mais alta arte é a que esconde todo o artifício e não deixa rastros do artifício."

*Edward Gordon Craig*

Est-ce possible d'être un artiste? Si ma personne est signée par la main d'un artisan invisible qui laisse profondément marquée la peau de ma "chair triste"...

Lui, il ne travaille pas comme ça... Lui, il n'efface pas les traits de son art, "hélas"...

Son travail s'accomplit d'une terrible inexorabilité qui se révèle à chaque instant comme la force de ma fragilité...

Moi, le guignol... Ses doigts sont à l'intérieur de ma robe, je sens qu'ils s'agitent et moi je suis gai ou triste ça dépend de la scène qu'il insiste à conduire à bon terme...

Et quand il sera le moment d'en enlever sa main, mon corps se laissera tomber comme la plume sur la table d'un écrivain, sans avoir fini la lettre qu'elle aurait dû un jour écrire.

- 2 *guignol*: palavra francesa que pode significar fantoche, tipo de marionete.

## NOTAS DO EDITOR:

- 1 Tradução da Nota 1 de *Guignol*:

É possível ser um artista? Se sou marcado pela mão de um artesão invisível que deixa profundamente seu rastro na pele de minha "carne triste"...

Ele não trabalha dessa forma... Ele não apaga os traços de sua arte, "infelizmente"...

Seu trabalho se cumpre com terrível inexorabilidade, que se revela a cada instante como a força de minha fragilidade...

Eu, uma marionete... Seus dedos estão por dentro de minhas vestes; sinto que eles se mexem e sou triste ou alegre – isso depende da cena que ele insiste em conduzir a bom termo...

E quando for o momento de retirar de mim sua mão, meu corpo cairá como cai sobre a mesa a pena do escritor, sem haver terminado a carta que ela um dia deveria ter escrito.

- 2 As expressões entre aspas são referências ao primeiro verso do poema *Brise Marine*, de Mallarmé:

"La chair est triste, hélas! et j'ai lu tous les livres."

Na tradução de Augusto de Campos:

"A carne é triste, sim, e eu li todos os livros."

ADALBERTO LUÍS DE OLIVEIRA